

Mostrar os dentes:
Heliana Conde, uma ferocidade*

*Eder Amaral***

Ela, uma outra

Uma vida saboreada deixa seus rastros. Nas palavras, estes perigos ditos e escritos, lumes de presença e errância. Nas coisas, feitas e desfeitas pela irrupção de uma existência bem sorvida, bem tragada. No mundo, pela passagem e percurso, pela trajetória dos gestos ora vãos, ora incontornáveis, sempre únicos. Em outras vidas, pelo inadvertido encontro, choque e acorde irresistível, desenhado pelas atrações passionais, partilhas e lutas, delírios e apostas *numa vida outra*.

Risonha navalha

Heliana de Barros Conde Rodrigues. Mais conhecida como Heliana Conde. Menos conhecida como Heliana. Que terá sido – que será – este acontecimento, agora pulverizado em sua presença, efeitos e ressonâncias entre nós? Da saúde frágil, compartilhada com qualquer vida alegre num mundo onde tudo é perigoso, ela soube extrair uma destilada *ferocidade*, expressa nas linhas lancinantes do olhar que lhe saltava sobre os óculos, *sorrindo por dentro*, como soube dizer uma amiga sua¹, ou nas linhas livres dos cabelos que, como raios-questão, proliferavam daquela cuca terrivelmente infantil, quer dizer: fruta madura.

Saúde!

A forma das mãos finas de artífice vinha das histórias escritas para pensarmos e nos interrogarmos sobre as tantas armadilhas do presente; esculpidas por muitas máquinas de escrever, teclados e pinças de caneta sobre o papel, elas esbanjavam as sardas que estrelavam o céu da sua pele-constelação; as camisetas estampadas – não raro por gatos, paixão absoluta; dulcífera e sedutora como as sereias de Blanchot,

sua voz; o passo leve e teimoso nas densas passarelas e rampas da universidade que, às vezes, se confundia com seu próprio corpo: tudo isso faz de Heliana o nome de um mundo inteiro, no qual a amizade e o pensamento talvez signifiquem a mesma coisa. Calorosa, ardente, Heliana perturbou a ordem do discurso *psi*, viu nos seus campos de atração a ocasião para se deslocar de si mesma e encontrou nas amizades a saúde buscada para as batalhas eventuais ou cotidianas.

“Aqui não adianta latir, tem que morder!”

Historiadora oral, analista institucional, genealogista, jornalista radical, psicóloga antimanicomial e carpinteira anarquista, Heliana se interessava por dar à vista e à escuta muito mais do que explicar e interpretar. Talvez porque seus ofícios mais importantes fossem, assim como a psicologia sonhada por Foucault, demasiado noturnos. Verdades-raio, lampejos, curtos-circuitos, fogos de artifício compunham a série de efeitos implicados por um olhar afeito ao cinza genealógico onde flamejam, discretas, as ranhuras dos baixos começos, pequenos combates e longas trapaças. A tudo isso entrevemos e somos convidados em cada texto e fala sua, como as escoras, vigas e andaimes formados por seus trabalhos imensos e sabidamente intermináveis, caminhos sempre abertos, verdadeiras oficinas ou canteiros de obra em busca de alianças intensivas, conspirações, cumplicidades.

Vem aqui, quero te mostrar uma coisa...

Aliás, não seriam a análise institucional, a esquizoanálise, a socioanálise, a história oral, a genealogia – todas estas maquinarias infernais de insubordinação e dissidência crítica – verdadeiras *artes heliânicas* da cumplicidade, do segredo e da invenção de modos de viver em meio ao deserto e aos invernos sucessivos do tempo que está fazendo? Não haveria em tudo o que ela soube tornar seu a marca de uma mordida ciosa e de um febril contágio? A escrita de Heliana mexe na atmosfera, bagunça os sentidos, brinca com as origens e fabula destinações. Aguarda por cúmplices. Melhor: os inventa.

Agarrar-se à cauda de um cometa

Aquela a quem bastava um parágrafo luminoso para desdobrar uma conversação; ou uma frase perdida, longe dos holofotes habituais, para formular uma interrogação; aquela que fez das reticências um convite permanente ao riso – esta outra forma de dizer pensamento. Heliana nos seduz a agarrar caudas de cometa, rastros de cavalos do diabo e subjetividades em revolta, enquanto passeamos pelas ruas de uma história menor, na qual a memória se move. Combinar essas imagens encontradas em seus textos e notas de aula, cursos e falas públicas, desabafos e anedotas de corredor é uma maneira de fazer ouvir – sempre – outra vez a sonoridade e o fulgor do seu pensamento.

A sete-vidas

Heliana amava mostrar os dentes. Os dentes – estes que caem e renascem, que sobrevivem a nós mesmos, armas fósseis com as quais trituramos e rasgamos, com as quais mordemos, mas também expressamos nossa alegria e encantamento. Heliana ria de tudo, mas não de qualquer coisa. Animal e sobre-humana, feérica e errante, mais antiga que o tempo, sua risada está aqui e por toda parte onde haja um gato que passeia sobre o colo ou deitado na mesa, entre livros e cadernos, derrubando copos e cinzeiros, desviando toda a atenção para a beleza feroz da sua presença.

... quando nem mesmo a multiplicação desses flashes
ao infinito poderia dar a menor amostra do clarão...

maio de 2024

* Originalmente publicado em *VERVE* – revista semestral do NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária, n. 45, maio de 2024, seção especial dedicada a Heliana Conde, p. 85-89. Site: <https://www.nu-sol.org/verve/>.

** Professor Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Curso de Cinema e Audiovisual. Professor do Instituto Federal da Bahia (IFBA). Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutor em

Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Psicólogo clínico e tradutor nas áreas de artes e humanidades. Contato: <ederamaral@uesb.edu.br>.

¹ Adriana Rosa faz um inspirado retrato de Heliana em seu prefácio a *Análise institucional, genealogia e história oral: fabricando intercessores em pesquisa intervenção* (Appris, 2019), reunião de artigos e ensaios de Heliana Conde ao longo de duas décadas de pesquisa.